



Grande Oriente do Estado de Mato Grosso - GOEMT
A.:R.:L.:S.: Acadêmica François-Marie Arouet n. 101



À GL.: do G.: A.: D.: U.:

UMA JORNADA DE INICIAÇÃO: COMPARANDO OS RITOS MAÇÔNICOS COM
AS INICIAÇÕES DO ANTIGO EGITO. OGOSOFIA MAÇÔNICA

M.: M.: Antonio Marcos Gonçalves

Outubro – 2023

UMA JORNADA DE INICIAÇÃO: COMPARANDO OS RITOS MAÇÔNICOS COM AS INICIAÇÕES DO ANTIGO EGITO.

Trabalho no Grau de Mestre Maçom - Versão 1.06

AUTOR: Antonio Marcos Gonçalves – M.:M.:, CIM: 5119

Endereço: Rua das Perolas, 184, bairro Bosque da Saude, cep 78.050-090

Cuiaba/Mato Grosso

email: nsgmarcos@gmail.com Fone: (65) 984113019.

GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Ben.: Cinq.: Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Conquista e Integração nº 8.

Rito Escocês Antigo e Aceito

Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Acadêmica François Marie Arouet

Loja de estudos - Rito Escocês Antigo e Aceito

1. INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, a humanidade tem buscado compreender os mistérios da existência, transcender limitações materiais e alcançar um estado de conhecimento e conexão mais profundos.

A prática da iniciação, ao longo da história da humanidade, tem desempenhado um papel significativo na busca pelo conhecimento, crescimento pessoal e espiritualidade. Desde as antigas civilizações até os rituais modernos, a iniciação serve como um rito de passagem que marca a transição de um estado para outro, muitas vezes trazendo consigo um profundo significado simbólico e filosófico. Este estudo tem como objetivo explorar e comparar dois contextos de iniciação aparentemente distintos, mas surpreendentemente interconectados: os ritos de iniciação maçônica e as iniciações realizadas no antigo Egito.

Como observa o autor Manly P. Hall, em sua obra *As Chaves Perdidas da Maçonaria*, pág. 113, Editora Madras “*antigos historiadores maçônicos, tais como Albert Mackey, Robert Freke Gould e Albert Pike, tinham um único propósito em seus esforços de estabelecer uma correspondência definitiva entre a Lenda de Hiram e o mito de Osíris, como exposto nos rituais de iniciação dos egípcios.*”

A Ordem Maçônica, uma sociedade fraternal e mística que remonta a séculos de existência, é conhecida por suas cerimônias de iniciação, nas quais os candidatos são conduzidos por um processo ritualístico que os transforma de neófitos a membros plenos da ordem. Paralelamente, o Antigo Egito, com sua rica herança cultural e espiritual, também realizava iniciações profundamente simbólicas, destinadas a transmitir conhecimento esotérico e a conectar os iniciados com os mistérios do universo e da vida após a morte, ritualística descrita no *Livro dos Mortos do Antigo Egito*.

Neste estudo comparativo, examinaremos as semelhanças e diferenças entre a iniciação maçônica e as iniciações do antigo Egito, explorando os elementos rituais, os significados simbólicos, os objetivos espirituais e os contextos históricos que moldaram essas práticas. Investigaremos como ambas as tradições valorizavam a jornada do indivíduo em direção ao

autoconhecimento e à transcendência, e como as experiências de iniciação desses dois sistemas podem se cruzar em conceitos e princípios fundamentais.

Aprofundando nessas duas tradições, poderemos discernir como a busca pelo autoconhecimento, a ligação com o divino e a exploração das verdades mais profundas da existência são aspectos que transcendem fronteiras culturais e temporais. Ao explorar o papel das iniciações no contexto maçônico e no Antigo Egito, abrimos uma porta para compreender como a jornada de iniciação tem nutrido e guiado a evolução da consciência humana ao longo dos séculos.

Podemos também, compreender mais profundamente as implicações universais desses rituais e como eles continuam a influenciar a compreensão humana de conexão, evolução e mistério. Através dessa análise, vislumbramos uma oportunidade de explorar a natureza intrincada da busca humana pelo conhecimento transcendental e de refletir sobre como rituais de iniciação têm enriquecido as vidas dos indivíduos ao longo das eras.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Iniciação

O que é exatamente Iniciação?

Deve-se fazer distinção entre seu procedimento, isto é, sua finalidade sua operação funcional.

a) Finalidade:

A finalidade é um estado ou condição de preparação. Esta preparação consiste numa série de testes ou provas, aplicados ao candidato para determinar se ele é digno de elevação a uma posição religiosa ou social superior. Constitui também uma espécie de instrução, o ensinamento, usualmente em forma simbólica, de um conhecimento especializado.

b) Aspecto Funcional:

O aspecto funcional da Iniciação é a sua estrutura ritualística.

A importância de o candidato ser testado é incutida no mesmo numa forma dramática. Em outras palavras, o objetivo, aquilo que se espera do candidato, é encenado. Esta espécie de iniciação exerce sobre o indivíduo um impacto emocional que um discurso dialético ou retórico, por si só, não teria.

Os incidentes dramáticos da Iniciação destinam-se a afetar toda a escala do Eu emocional do indivíduo. Podem provocar, por exemplo, medo, ansiedade, depressão momentânea e, finalmente, prazer a ponto de êxtase.

A verdadeira Iniciação esotérica, conforme realizada hoje em dia por ordens fraternais de natureza mística, metafísica e filosófica, combina os fundamentos de iniciação que podem ser remontados às cerimônias efetuadas antigamente no Egito, em Roma, na Grécia, e por certas seitas da Idade Média.

A admissão às antigas escolas de mistério sempre se fazia sob forma de Iniciação. À gnose, ao conhecimento especial que devia ser transmitido ao candidato, era atribuída natureza sagrada.

Acreditava-se que esse conhecimento tinha origem divina e era revelado através de oráculos e sacerdotes. Assim, a Iniciação, em seu antigo caráter, era um sincronismo de religião, metafísica, e aquilo que podemos chamar de filosofia moral.

O tema da Iniciação girava em torno de mistérios comuns aos homens da época; mistérios esses, porém, que ainda desafiam a razão a inteligência e a imaginação do homem moderno. Eram eles: a origem do universo e do homem; a natureza do nascimento e da morte; as manifestações de fenômenos naturais, e a Vida após a morte. O conhecimento transmitido ao candidato, verbalmente e por simbolismo, bem como pela encenação de papéis ritualísticos, destinava-se a esclarecê-lo quanto a esses mistérios.

Como esse conhecimento era sacrossanto, não devia ser profanado por revelação a um indivíduo não iniciado, despreparado e desqualificado. Consequentemente, solenes juramentos eram exigidos dos candidatos, no sentido de nunca divulgarem o que conhecessem durante a Iniciação.

Muito se fala do fato de que essas Iniciações eram realizadas há milhares de anos, no Egito. Mas, devido a seus sagrados juramentos, bem pouco chegou aos nossos dias, como matéria autêntica, revelando os verdadeiros ritos de tais Iniciações. O Museu Egípcio Rosacruz, sob a direção da Suprema Grande Loja da AMORC, Ordem Fraternal e Cultural de âmbito

mundial, orgulha-se de apresentar esta tradução dos textos hieroglíficos relacionados com essas Iniciações tradicionais.

Esta apresentação foi possível graças à excelente pesquisa e ao ardoroso trabalho do conhecido egiptólogo, Dr. Max Guilmo, a quem estendemos nossos profundos agradecimentos.¹

2.2. O processo Iniciático no Egito Antigo – Fases da Existência

Não é suficiente que nos deixemos arrastar pelo fluxo da existência, A corrente da vida está muitas vezes repleta de perigos que devemos superar. O fracasso implica nossa condenação a sermos meras caricaturas de homens.

A jornada humana começa tão logo a criança recebe um nome, ao nascer. A atribuição do nome marca o advento de uma nova existência. Povos antigos acreditavam que aquele que não tinha nome em verdade não nascera.

E aqui surge o primeiro grande obstáculo: o advento da puberdade é acompanhado de metamorfoses físicas e psicológicas de tal natureza que um novo ser parece emergir do invólucro protetor da infância.

O casamento também anuncia uma nova fase de existência.

Não requer a vida do casal a criação de uma sutil e permanente harmonia entre os corpos e as almas - uma metamorfose recíproca?

Quanto ao lento processo de envelhecimento, também ele apresenta novos problemas. Faculdades tornam-se debilitadas. De então em diante, o viver exige menos espaço. Para que a vida subsista sem sentimentos de desespero, deve haver sabedoria. E, finalmente, vem a morte. Deve o ser humano enfrentá-la destemidamente e, sem se lamentar, abandonar a vida.

Assim, nascimento, puberdade, casamento, envelhecimento e morte, representam inevitáveis provas, quer as enfrentemos com felicidade ou em desespero, quer as celebremos ou as deixemos passar despercebidas, elas vêm balizar a senda humana. A cada teste que é superado, uma nova fase de existência tem início.

Ao término de cada estação da vida, um novo ser começa a emergir.

É verdade que, hoje em dia, o homem tem forte tendência a não celebrar os vários estágios da vida porque tem de passar. Ele não sente mais, com a mesma acuidade, o quanto se modifica a cada prova que supera. Pouco a pouco, torna-se inconsciente de suas metamorfoses. Amaciando o caminho de sua vida, removendo todos os obstáculos do seu itinerário, ele nega uma verdade; mente a si próprio. Perdido numa falaciosa neblina da alma, perde o passo em relação à indispensável cadência vital. Hoje, as aflitivas questões sobre o significado da vida provêm principalmente da perda desse ritmo existencial.

Bem ao contrário, civilizações e povos antigos sentiam fortemente o quanto era necessário que celebrassem cada fase da vida. Seus "ritos de transição", porém, não eram apenas "festas" para comemorar a passagem para um novo estágio de existência. Realizando-os, toda a comunidade induzia uma vitoriosa entrada numa nova fase da vida, através de uma série de atos geradores de poder. Entrar (latim: in + ire) num novo estágio da vida, com o auxílio da comunidade e pelo poder do ritual, significava tornar-se iniciado.

Existem - fato muito importante - iniciações à morte. A morte, a grande transição, é a iniciação final. Todos os povos do mundo exigem que o neófito se submeta à prova da morte e sinta sua angústia, a fim de que ele possa renascer.

Naturalmente, que essa morte é simbólica.

¹ RALPH M. LEWIS, F. R. C.

OS MISTÉRIOS

Este é o propósito das doutrinas e práticas secretas denominadas "Mistérios", que são comuns ao Oriente Médio, à Grécia, e à Roma Antiga.

O ritual foi introduzido para modificar a qualidade do postulante, para elevar sua consciência a um nível super-humano, e para transformá-lo num ser eterno. Assim, os rituais de Adônis ou Tammuz, no, Oriente Próximo, de Osíris no Egito, de Orfeu nas Ilhas Gregas, de Dionísio na Hélade - todos representam morte e ressurreição, de modo que possa o indivíduo vivenciar, simbolicamente, um estado super-humano e vida eterna.

Psicologicamente, essas práticas resultaram na verdadeira vitória do homem sobre o seu medo da morte. Através da morte iniciática, o ser humano fica absolutamente convencido de que não sofrerá a angústia da morte, que é a sorte do homem comum. Na verdade, ele sente-se salvo porque foi iniciado.

ABIDOS

Primeiro, temos de nos reportar a Abidos, para conhecer os iniciados do Egito Antigo. Cidade muito sagrada, Abidos, situada entre Assuã e Tebas, abrigava uma das mais antigas necrópoles da história. Ali repousavam os primeiros reis (a partir de 3200 a.C.). Um constante fervor religioso acrescentou-lhe cemitérios de todos os períodos, ao longo do penhasco da Líbia, a despeito da queda dos Impérios. Não é de admirar, então, que nove décimos das estelas funerárias do Reino Médio (2052-1778 a.C.) exibidas nos museus da Europa tenham vindo de Abidos!

Como podemos explicar esse emaranhado de necrópoles, de três milênios, esse prodigioso depósito de documentos? O fato é que a cidade era duplamente venerável. Originalmente o local do repouso final dos primeiros faraós, tornou-se, no começo do segundo milênio, a guardiã da cabeça de Osíris, o Salvador, que conduzia os homens à imortalidade.

A mais preciosa parte do divino corpo esquartejado por Set, Deus do Mal, repousava nesse local sagrado do Egito, abrigada num santuário encimado por duas penas. O Santo Sepulcro foi construído no lado sul da cidade, num local denominado Peker.

No lado norte havia o grande santuário de Osíris. Erigido ao alvorecer da história - a partir da Primeira Dinastia - reformado quase destruído e reconstruído várias vezes, tudo o que resta: hoje, é um esboço, quase ilegível, no local de suas sucessivas épocas.

No entanto, juntamente com o Santo Sepulcro, esse templo era o cadinho da fé osiriana. A inestimável relíquia - a cabeça de Osíris - conferia-lhe uma inequívoca aura de sagrado poder.

Terá a mente das massas mudado tanto? Paris preservou seu herói desconhecido em seu Arco do Triunfo. Moscou preservou os restos mortais de Lenin. Parece que toda cidade extrai sua força do legado de seus grandes mortos. Mas não terá sido Osíris, cuja ressurreição acenava com a vida eterna para todo homem piedoso, o maior de todos?

Assim, o Egito "quis morrer em Abidos." Morrer perto do deus, descansar na paz que emana do Santo Sepulcro, vivenciar o milagre da ressurreição à sua sombra. Foi este o sonho de todo um povo, século após século.

Lamentavelmente, nada resta de Abidos, hoje, além de ruínas e um baluarte simples: o santuário de Seti I e a estranha construção a ele contígua, denominada Osirion ou Osireion.

2.3. O processo Iniciático no Egito Antigo – O Osireion de Abidos

Esta estrutura é sem dúvida a mais misteriosa do Vale do Nilo. Sua construção teve início durante o reinado de Seti 1 (19 Dinastia, 1300 a.C.) e, originalmente, era totalmente subterrânea. Compreende um longo e escuro corredor (trevas), que leva a uma câmara cheia de água. No centro deste "tanque", eleva-se uma plataforma retangular, uma espécie de ilha cercada de grossos pilares de granito cor-de-rosa, acessível por duas escadarias.



Qual pode ter sido a finalidade desse extraordinário complexo arquitetônico? Terá ele sido um cenotáfio de Seti 1, cujo nome está inscrito no corredor de entrada e na câmara central? Isto é possível, já que as paredes do corredor estão cobertas de inscrições funerárias, como as que são encontradas nas tumbas do Vale dos Reis; além disso, uma espaçosa câmara vazia, que lembra câmaras semelhantes nas pirâmides de Sakkara, e que está situada no lado leste do Osireion, invoca imagens de um enorme sarcófago.

Três ou quatro séculos após sua construção, essa estrutura foi encarada como um local dedicado à adoração de Osíris. Muitos são os indícios arqueológicos que parecem apoiar esta hipótese. Primeiro, a plataforma que se elevava acima da água, na câmara central, provida de duas escadarias, poderia ter sido o próprio monte primordial onde a morte fora conquistada, na aurora dos tempos. Ali, segundo a tradição, Osíris preparou o seu sepulcro. Segundo, as duas cavidades talhadas no piso da plataforma, cuja finalidade não poderia ter sido senão a de acomodar o sarcófago do deus e o santuário contendo suas vísceras - talvez sua cabeça. Finalmente, poços circulares, escavados em torno da câmara central e ainda cheios de solo fértil, usados para conter verdejantes árvores, símbolos da eternidade de Osíris ressuscitado.

Podemos agora perceber a finalidade do Osireion: desejava Seti I que ritos sagrados fossem realizados em Abidos a fim de assegurar sua imortalidade junto a Osíris e, ao mesmo tempo, perpetuar a adoração ao grande deus. Portanto, o cenotáfio real era também uma tumba de Osíris.

2.4. O processo Iniciático no Egito Antigo – A Iniciação em Abidos

Primeiro, precisamos determinar se, iniciações secretas eram realizadas no Egito, ou não, especialmente em Abidos. Neste particular, um antiquíssimo texto, que remonta aproximadamente a 2000 A.C., quase desconhecido até agora, parece dar uma resposta afirmativa:

"Seguir o deus até sua morada,
Em sua tumba ...
Anúbis santifica o oculto Mistério de
Osíris
(No) sagrado Vale do "Mestre da Vida"
(Osíris).
(É a) misteriosa iniciação Do Mestre de Abidos!"

Que poderia ser mais claro? O deus Anúbis, o chacal das necrópoles, participava no desenrolar de uma "misteriosa iniciação", dirigida por Osíris, o mestre de Abidos. Portanto, é para este sagrado lugar que nos devemos encaminhar a fim de conceber - com a ajuda de textos egípcios de várias datas e fontes- como o processo iniciático era desenvolvido na época dos Faraós.

Conhecida como “A Grande Jornada”, Anúbis, O Guia, acolhe o candidato, no umbral do campo sagrado. É ele um "deus medonho" conta o escritor latino Apuleius, após a iniciação por que passou no segundo século da nossa era; um deus que atua como mensageiro entre o mundo superior e o infernal mundo inferior com o rosto metade preto e metade ouro, a cabeça bem erguida, e orgulhosamente esticando seu forte pescoço".

Ele transcende todo o Mistério. Um símbolo hieroglífico mostra-o deitado sobre uma grande arca. Esta arca encerra a vísceras de Osíris. O texto a menciona como "o ataúde misterioso", pois, por trás de suas paredes, no alvorecer da história, deu-se um evento prodigioso: o renascimento de Osíris - e, subsequentemente, de todos os mortos - em função do poder dos ritos que Anúbis criara.

Se, da tumba de Tutancâmon, emergiu um impressionante chacal negro - deitado sobre uma arca encerrando as vísceras do rei - isto seguramente objetivava imortalizar a vigília do deus que descobriu o renascimento e afastar aqueles que não tenham conhecimento deste segredo:

"Secreta, secreta arca; oculta, oculta (arca),
Que ninguém conhece, que ninguém conhece
Nunca, nunca!"

Portanto, não é morte que esse ataúde encerra. Na verdade Anúbis representa ressurreição. Esse chacal, cuja cabeça - segundo Apuleius - é metade preta e metade ouro (as cores da morte e do renascimento) é, para o iniciado, o deus da esperança.

Ê com esperança de que devemos vê-lo assomar ao umbral das necrópoles. A todos os mortos e a todos os candidatos à morte iniciática, Anúbis concede o próprio sopro da vida que o Outro Mundo exala:

"Eu sou o Chacal dos chacais," proclama Anúbis no Livro dos Mortos,
"Eu sou o luminoso Ar
Que os alentos levam
Aos Veneráveis Seres
Até os confins dos Céus,
Até o fim da Terra!"

Neste momento, Anúbis assume plenamente o seu papel: Torna-se "Guia" - como Hermes na Grécia e "Abridor de caminhos".

Trevas e Portas

Para todo iniciado, o progresso para a iluminação tem o mesmo prelúdio: a longa transposição, sob a orientação de Anúbis, do campo sagrado. Depois, a solene entrada no santuário, que, neste caso, tornou-se o templo de iniciação.

"Entrada para o templo de Osíris, em Djedu (= Busiris)," pode-se ler nos Textos do Ataúde, que daí em diante mantêm um animado diálogo, do qual apresentamos uma parte:

“Guardião”:

Quem é aquele que entra no santuário de Osíris em Djedu?
Quem se aproxima desta Alma?
De onde vem ele, esse
Que ascende até esta Alma
Que um elevado monte oculta?
- Fato secreto
Que não conhecemos!"

"Postulante”:

Abre para mim!
Em verdade, sou um ser digno de respeito,
Sou alguém que (sabe) manter um segredo,
Sou um servo no templo de Osíris!...
Abre para mim!
Sou um (homem) que conhece
Sua mágica fórmula,
Fui iniciado nestas (coisas secretas),
E não (as) repeti
Para os não-iniciados."

À porta do templo, o candidato é abordado e sua intenção revelada:

Ele deseja "ascender" ao Santuário dos santuários, centro de espiritualidade onde resplandece a Alma de Osíris; deseja aproximar-se do sagrado outeiro sob o qual repousa o Deus Salvador. E vem a resposta do caminheiro, em tom peremptório:

"Que as portas me sejam abertas! Não repeti aquilo que não pode ser conhecido. Sou alguém que (sabe) manter um segredo."

Então as portas são abertas. O itinerário iniciático, porém, é adaptado à planta de cada santuário. Por exemplo, em Busiris, o candidato deve cruzar todo o templo, para alcançar o Santuário dos santuários; em Abidos, ele deve seguir diretamente pelo subterrâneo, para a câmara aquática onde está imersa a tumba.

Disto resultam consideráveis variações nos textos, e o Livro dos Mortos tenta reconciliá-las:

"Para mim, os portais dos Céus (= a porta do santuário)
Abriram-se de par em par;
Para mim, os portais da Terra
Abriram-se de par em par;
Para mim, os ferrolhos do (deus) Geb
Foram abertos."

Não podemos deixar de lembrar o Osireion de Abidos. Em Abidos, uma passagem subterrânea de aproximadamente 100 metros foi concebida por um povo metuculoso em sua arquitetura, a fim de que a alma se acostumasse a esquecer as ilusões do mundo. Esquecer as tentações pessoais, descer ao âmago desta Terra, era o mesmo que recuperar as energias que a vida consumira.

Não é a Terra a acolhedora matriz onde a árvore se enraíza para preparar seu fruto? Não é ela a Mãe misteriosa que em seu corpo abriga rochas e plantas, feras e homens? Dela todos

os seres vivos haurem a vida, e tudo a ela retorna, por ocasião da morte. Nas entranhas maternas, todo ser jaz adormecido, aguar dando renascimento. Ao morrer, também o homem volta a essa matriz, à semelhança do embrião, e ali prepara seu renascimento.

Toda a humanidade já sentiu - e ainda sente - o poder criador, o inexprimível mistério da Terra, sua Mãe. Primeiro o iniciado aprende que descer ao interior do corpo da Mãe, deixando-se perder em sua escuridão, é recobrar a vida. A longa noite psíquica do processo iniciático é um retorno às fontes. É ali que o homem há de se banhar e emergir "desperto", iluminado!

Assim proclama o Livro dos Mortos este milagre:

Tua face está aberta
Na morada das Trevas!"

Não obstante, antes de abrir os olhos para a Grande Luz, deve o buscador percorrer uma região escura, onde nada se refere à existência terrena. Antes que possa adquirir conhecimento superior, o homem - morto ou vivo, durante a iniciação ou após a morte - deve primeiro esquecer a Terra e suas ilusões.

Mas então ele pede aquilo porque sentia desejo quando estava vivo: Quer comer e beber; amar e respirar. Tolo! No outro Mundo - ou durante o processo iniciático, que reflete sua essência - ele não terá sua cota de cerveja nem de seu desejo de amar.

Mas lhe será dado um incomparável tesouro: Paz do Coração e o supremo poder da Mente.

A dramática introdução do Homem no Mistério é considerada, no Livro dos Mortos, um dos mais impressionantes documentos da literatura universal. Para o Criador do Mundo, Atum, diz a trêmula criatura as seguintes palavras:

O Homem:
O Atum, (dize-me),
Por que (então) viajei para o deserto?
O fato é que não há água, nem brisa.
(Esta terra) é profunda, profunda, escura, escura,
Sem limites nem fronteiras!
O Deus:
O Homem:
O Deus:
Aí viverás, com teu coração em paz.
Mas aqui não se pode satisfazer o amor!
(Foi aí que) coloquei os poderes da mente em lugar de água e brisa, e prazer e amor;
E paz mental.
Em lugar de pão e cerveja. . .
O Homem:
O Deus: E quanto durará (minha) vida?
Viverás milhões e milhões (de anos);
(Tua vida) durará milhões (de anos)!

Tão grande bem-aventurança, após a solitária jornada! Conseguir completar essa passagem, especialmente para o iniciado, era o principal; pois, no fim da estrada — no Outro Mundo ou no templo iniciatório — Deus aguarda sua criatura:

Estás nos portais que fora mantêm as multidões; O guardião do umbral sai (e caminha) para ti.

E pega tua mão; leva-te ele para o Céu Junto a Geb, teu Pai! (Este Deus) exulta quando te aproximas; sua mão te dá ele; E te beija, tomando-te em seus braços. À frente das Almas Um lugar te dá ele. Neste excerto dos Textos da Pirâmide, o falecido rei, ressuscitado no Céu, obtém do deus o sublime encontro. Mas, nos rituais iniciáticos, é na Terra, nas trevas do Santuário dos santuários, que o homem, "qualificado", durante a apresentação teatral, se põe face a face diante de Deus.

QUALIFICAÇÃO

Em que consistiam os detalhes dessa extraordinária e sagrada cerimônia? Antes de entrar na Câmara do Julgamento, o candidato é submetido a uma "preparação". Apuleius, iniciado do segundo século A. D., explica livremente suas ideias a este respeito.

Um sacerdote, com "inspirada atitude e expressão verdadeiramente supra-humana", primeiro lê para o candidato escrituras sagradas que retira de um local secreto no extremo do santuário.

O sacerdote "instrui o candidato na preparação necessária à sua iniciação". Exigia-se do futuro iniciado que mantivesse em segredo aquilo que estava prestes a aprender. Que aceitasse de então em diante viver em conformidade com Maat (Verdade-Justiça). Que se comprometesse imediatamente, sem hesitação, com a vida eterna.

"Lembra", diz Ísis, "e para sempre mantém gravado fundo em teu coração, o fato de que toda a tua vida, até o fim da tua existência, até o teu último suspiro, a mim está penhorada."

Portanto, uma promessa era exigida. O juramento era provavelmente feito no interior do santuário, talvez no hipostilo (teto sustentado por colunas). Em sua austera penumbra e sem alguém que pudesse ouvi-lo, assim se preparava o candidato para os grandes "Mistérios da Noite Sagrada"

E então o seu guia, tomando-o pela mão, levava-o para a última câmara, para o próprio fim da noite. Imaginemos, naquela época, a sagrada emoção do candidato! A famosa Câmara do Julgamento - que os papiros funerários situam no Outro Mundo - tinha sua réplica na Terra: o local da prova iniciática. O misterioso Santuário dos santuários. Ali tinha lugar a paisagem das almas. Ali havia uma balança, a Balança da Justiça.

"Neste dia em que os erros são contados ante o Mestre universal."

Não estará Paheri, um iniciado entre tantos outros, recordando esse prestigioso evento em sua biografia:

"Fui convocado e colocado na Balança; saí (da Câmara) pesado, sem defeitos e salvo."

Após o implacável açoite da Justiça, sacerdotes oficiantes estão aguardando, Estes sacerdotes, neste caso mascarados, tornaram-se os deuses do Julgamento. Aí estão Tot, o íbis; Anúbis, o chacal; Hórus, o falcão. A luz dos archotes desenha um aspecto feroz em seus semblantes, como imagens fugazes de um sonho fantástico; suas silhuetas se movem nas paredes, animadas pelo bruxulear do fogo, O candidato permanece imóvel no umbral.

"No meio da noite", diz Apuleius misteriosamente, "vi o Sol brilhar com cintilante radiação. Aproximei-me dos deuses e os vi face a face!"

Esses deuses são exigentes. Cada um deles vai agora fazer perguntas. O Capítulo 125 do Livro dos Mortos parece ter gravado uma dramática memória desse exame. Primeiro, os deuses dirigem-se ao Guardião do Umbral:

- "Traz o candidato!" - ordenam.

Depois, dirigindo-se ao próprio candidato:

"Quem és tu?
Como te chamas?
Para onde foste?
E lá, que viste?"

O candidato dá seu nome. Afirmo onde foi e o que viu. En-tão, dizem os deuses em coro:

"Vem, e cruza este umbral da Câmara de Maat!"

O candidato avança. Mas seus olhos ficam fascinados por uma forma sublime e branca. Que são aqueles rostos, cobertos com máscaras de íbis, chacal e falcão, comparados com o radiante rosto humano do mensageiro da esperança? Atrás da balança, aí está ele, Osíris - envolto em sua apertada e imaculada mortalha, segurando o cetro e o chicote.

O candidato se curva. Saúda o Salvador:

"Osíris! Aqui vim para ver a tua perfeição,
Ambas as minhas mãos (que ele ergue)
Glorificando teu verdadeiro nome!"

Tot, a onisciente íbis, convida então o candidato a avançar:

"Aproxima-te. A quem devo te anunciar?"

O candidato, com voz forte:

"Anuncia (minha vinda)
Ao (deus cuja morada
Tem um) teto de chamas,
Paredes de serpentes vivas,
E piso (como) um rio!"

Este deus é Osíris! E ele baixa a cabeça, num sinal de aquiescência. Conduzido por Hórus, o falcão, o candidato avança, por entre os lampejos cambiantes da Câmara de Maat. Ante o trono de Luz, proclama sua perfeita inocência:

"Saudações a ti, grande deus, que és mestre de Maat!.

Eu te conheço,
(Sim), eu sei o teu nome,
E sei o(s) nome(s)
Dos quarenta e dois deuses
Que (aí) estão, contigo.
Não fiz nenhum mal
A seres humanos.

Não pratiquei o mal.
Sou puro, sou puro, sou puro, sou puro!"

Paheri, Príncipe de El Kab na Décima Oitava Dinastia, declara em sua biografia que foi "examinado e considerado "sem defeitos" e, finalmente, "salvo"

A balança contém, num dos seus pratos, um símbolo da Alma - a alma do candidato, carregada com todas as suas ações - e, no outro prato, uma pena, o contrapeso da Justiça, o augusto símbolo de Maat!

Então, o deus Tot registra o peso. Ele está em consonância com Maat; verdadeiramente, esta alma está plena de Maat!

A balança decidiu, e Osíris proclama:

"Eu te outorgo (o título de) "Justo", "Triunfante".
Em Maat (a Verdade), estás iniciado!" (Papiro T32, Leiden)

Este é o momento decisivo, em que o homem se funde com
Maat. Torna-se, então, a encarnação de Maat.

Se o Egito foi grande - e ainda é - isto se deve a que guiou os primeiros passos do Homem para a Luz Maior. Todos podem, mediante sua conduta, identificar-se com Maat, a harmonia do universo. Todo mundo pode se tornar parte integrante de Maat e alcançar glorificação em sua eternidade.

"Eu penetrei em Maat
(A Harmonia do Universo), (Sim), em mim trago Maat,
Sou mestre de Maat!" (Textos do Ataúde, IV, 330)

REGENERAÇÃO

Tendo o candidato se demonstrado digno, um banho lavava de toda a memória sua condição de homem. Uma espiritualização por meio de rituais seguia-se à promoção espiritual. Entrando nas sacrossantas águas do mar original, e delas emergindo, as sim como um novo Sol no primeiro dia da Criação, o ser humano renascia sem passado, sem pecado, e com a eternidade de uma estrela:

"Eis que estamos prontos para viver novamente" lê-se num hino ao Sol,

"Entramos
No mar primordial.
Restaura ele o vigor
Àquele que (sua) juventude recomeça.
(Que o velho homem) tire suas vestes.
(Então) que um outro as ponha!"

No Egito, são numerosos os lagos artificiais junto aos templos. Nesses lagos é que os ritos de purificação eram conferidos aos sacerdotes e, provavelmente, neles eram também realizadas iniciações.

No Egito, são numerosos os lagos artificiais junto aos templos. Nesses lagos é que os ritos de purificação eram conferidos aos sacerdotes e, provavelmente, neles eram também realizadas iniciações.

A necrópole de Abidos ainda contém um desses lagos artificiais, oculto na estranha estrutura do Osireion. Mas aqui há um aspecto importante: para chegar à tumba de Osíris, sobre a plataforma na água, o candidato primeiro tinha de entrar na água sagrada, para se lavar de seus pecados. Nenhuma outra estrutura ainda existente no Egito parece mais apropriada para iniciações.

Agora, imaginemos o esplendor de sua Câmara, quando ela ainda tinha teto, conforme atestam as pesadas arquitraves. A água do lago cintila sob o fugaz tremeluzir dos archotes. Sacerdotes oficiantes, mascarados, põem-se à volta do candidato, que abandona suas vestes - as vestes impuras que cobriam o homem anterior. Lentamente entra no mar original. A água sagrada o envolve. Como amorosa mãe, ela o acolhe. E, qual Sol a se pôr, o candidato se aprofunda no abismo. Depois, dele emerge como um Sol, ressuscitado.

Tendo-se tornado Osíris - por qualificação - e se assemelhado a Ra (o Sol) - pela regeneração - o candidato sobe os doze degraus do Osireion que levam à imponente plataforma. Entre os pesados pilares que protegem o deus morto, ele recebe novas vestes: mantos de linho branco.

ILUMINAÇÃO

O candidato aguarda a manifestação do Sacrossanto Ser.

Submete-se e espera. Este período de espera é muito importante, pois, quanto mais longo for, e mais humilde se faça o candidato, mais impressionante será a revelação do Sacrossanto Ser, que aparecerá no momento oportuno. No processo iniciático, a epifania é uma apoteose, como um estado divino. É por seu intermédio que se abrem as pesadas portas do subconsciente:

"O resplendor da Luz Projetou-se em meus passos!"

Este é o grito de liberação que os Textos do Ataúde ocultam.

Na escura plataforma, o dourado catafalco de Osíris, o Salvador, cintila com fulvos reflexos que se fazem vivos à luz dos archotes. Basta lembrarmos o grito de espanto que foi emitido quando o catafalco de Tutancâmon foi descoberto!

As portas do Sepulcro logo se abrirão; então aparecerá o divino sarcófago, com suas sagradas relíquias

Vestido de linho branco, o candidato continua aguardando.

Tudo o que ele aprendeu sobre Osíris - seu sofrimento, sua morte, e a ressurreição que prometeu aos homens - tudo o que sua mente fervorosamente concebeu, súbito lhe será trazido à Luz. Um choque há de resultar desse confronto, um golpe, para a alma, que há de selar o pacto entre o homem e seu deus. Um novo iniciado iluminará o mundo.

Espessos arbustos cercam a tumba de Osíris. Ali estão, como viçosas testemunhas da ressurreição do deus. Elas abraçam seu corpo e lhe dão forças:

"A planta viva se faz viçosa!" proclama uma inscrição:

"Quando ela se faz viçosa, a Terra também se enche de vida!"

Vede, Osíris recupera sua juventude!"

Neste sublime local de adoração, nesta ilha de Maat (Ordem e Verdade Cósmicas), o deus afirma sua juventude; ressuscita. E a folhagem testemunha sua ressurreição.

Em torno do candidato, os sacerdotes oficiantes se movem preparando a abertura do Santo Sepulcro. Seus nomes desencadeiam mágico encantamento; alguns são conhecidos, como Guardião dos Portais, Puro Arquivista, Mestre do Trono (Papiro T32, de Leiden).

O ritual da aparição de Osíris, o Salvador, era sem dúvida bastante longo. Será que ele incluía diálogos semelhantes aos que ocorriam ante a Balança de Maat? Algumas invocações, esparsas pelos textos, levam-nos a crer que sim:

"Osíris!
Salve!
(Tu que estás deitado) em (teu) secreto
abrigo,
Tu, cujo coração parou!" (Textos do Ataúde, VII, 1119)

Estes apelos-e muitos outros-lembram trechos de "scripts"
perdidos
Então, a solene voz do deus ressoa no Templo:

"Que o candidato se adiante.
Que ele veja as minhas feridas! (Textos do Ataúde, I, 142)

Ver as feridas do Salvador, as feridas de Osíris, pelo qual é o homem salvo! Para a alma religiosa, nenhuma outra aparição pode se igualar à do grande deus, ressuscitado!

Os pesados ferrolhos do catafalco deslizam de suas alças. As portas de ouro se entreabrem por entre a verde folhagem:

"Para ti, as portas do Horizonte do Mundo Vindouro se abrem!"
(Papiro T32, Leiden)

Contempla o deus! Olha, no fundo do sagrado ataúde, Osíris renascendo pelo poder do ritual! Sua cabeça está coroada, seu corpo está tranquilo, e sua mortalha imaculada. Sua fisionomia é majestosa.

Murmura o postulante:

"Grande deus,
Sou o teu filho,
Contemplando o teu Mistério."
(Livro dos Mortos, XLIV)

"Contemplar o Mistério é nele participar, e é ressuscitar também, como Osíris. É tornar-se um Osíris. É um momento crucial, o instantâneo zênite de uma vida humana! Nasce um iniciado. A santidade nele se infunde. À Santidade está o homem ligado.

"Vês a câmara funerária,
(O deus) em sua prístina forma, (Sim),
Osíris em sua mortalha,
No local de sua preservação.
Vês o glorificado Corpo,
Deitado em seu leito fúnebre,

(Sim), a nobre Múmia
Em seu leito exposto!"

Um sacerdote oficiante, sem dúvida, acaba de cantar, com voz monótona, estas sagradas palavras. Mediante sublime visão, o homem e Deus estão daí em diante unificados. Realiza-se, então, a mutação do homem - real e inexprimível. É a união mística, que, depois do Egito antigo tantos séculos tentarão descrever, sem jamais conseguirem expressar na linguagem verbal o incomparável esplendor do alvorecer de uma alma.

O iniciado, seguindo as pegadas de Osíris, está ligado a seu deus. Pela iniciação, ele já vivenciou morte e ressurreição. Seus olhos já se estão enchendo de divina luz. Ele é portador da eterna Luz do Salvador. Ele próprio é um Ser Luminoso; está iluminado:

"Em verdade, sou aquele que vive na Luz.
(Sim), sou uma Alma que Nasceu do corpo do deus!
Sou um dos deuses e uma das almas
Que vivem na Luz...
(Sim), sou um falcão que vive na Luz, cujo poder reside em sua (própria) luz
E em seu (próprio) esplendor!
Aos confins do Céu viajo e deles volto,
E ninguém pode a mim se opor
(Ó Osíris!)
Senhor, das Manifestações,
Grande e majestoso,
Eis-me aqui!
E o Outro Mundo para mim se abriu;
Os caminhos do Céu, (os caminhos) da Terra,
Para mim foram abertos,
E ninguém pode a mim se opor!

O Grande Falcão se alça em vôo. Sua escura silhueta nobremente se delineia contra o disco solar. Não deve o iniciado persistir num mundo ilusório. Das formas desse mundo se desarraigam ele. Para a Luz ascende, a fim de se tornar real. Ninguém poderá sustar o vôo do grande Falcão. O ser humano abandonou seu velho manto, cruzando o Umbral da Iluminação. Um dia, toda a humanidade, seguindo a senda iniciática, imitará o vôo da Ave da Luz. Em seu estágio final, estará o homem "realizado". Assim, conforme a Vontade Divina, a meta misteriosa da humana aventura será alcançada. Tudo se terá cumprido.

(Ó Osíris)
Senhor das Manifestações,
Grande e majestoso,
Eis-me aqui!

Considera o autor supramencionado, Manly P. Hall citado acima que “se a identidade de Osíris e do mito de Hiram for aceita, então o Livro dos Mortos é o abre-te Sésamo da Maçonaria simbólica, revelando uma beleza oculta sob os rituais, e esplendor nos símbolos, um divino propósito em desenvolvimento nos procedimentos maçônicos.”

Vale a pena descrever algumas passagens do Livro dos Mortos do Antigo Egito, editora Hemus, que seu verdadeiro nome era ‘Saída para a Luz do dia’, que relata a saída da alma para

a plena luz do dia, sua ressurreição no espírito, sua entrada e suas viagens às regiões do além: páginas, 39,78, 100 e 230, respectivamente, que se assemelha ao ritual maçônico:

“Meu coração sempre foi fiel à vida do Bem.”

“Eis que as portas do Céu me são abertas e que as portas da Terra já não se opõem a meus passos.”

“Deixa-me, pois, passar, oh! Vós, Guardiões das Portas! Pois daqui por diante sou um de vós! Marcho para a Luz do Dia Eterno!

“O ontem me deu a luz.

Eis que ao hoje,
eu criei os Amanhãs.”

2.5. O processo Iniciático da Maçonaria



Câmara de Reflexões: "Profano, eu vos deixo entregue às vossas reflexões; não estareis só, pois Deus que tudo vê, será testemunha da sinceridade com que ides responder às nossas perguntas".

Voltando pouco depois, apresenta-lhe a folha do Testamento, dizendo:

"Profano, a Sociedade de que desejais fazer parte pede que respondais às perguntas que vos apresento; de vossas respostas depende a vossa admissão no seu seio"

Já passastes pela primeira prova das antigas iniciações, a da TERRA, pois isso significa a caverna em que estivestes recolhido e onde fizestes as vossas disposições.

ORAÇÃO:

Humilhem-nos, meus Iir.: , ante o Supremo Árbitro dos mundos, e reconheçamos o Seu infinito poder e a nossa infinita fraqueza.

Contendo os nossos corações nos limites da retidão e dirigindo os nossos passos pela estrada da virtude, elevemo-nos ao Gr.: Arq.: do Univ.:.

Ele é um só e subsiste por si mesmo e todos os seres devem-lhe a existência.

Tudo faz e tudo domina, invisível aos nossos olhos, vê e lê no fundo de nossa alma. Invoquemos e levantemos a Ele as nossas preces.

Digna-te ó Gr.: Arq.: do Univ.: , proteger os obreiros de paz, aqui reunidos. Anima o nosso zelo, fortifica a nossa alma na luta das paixões, infla o nosso coração de amor em busca da virtude e guia-nos, assim como a este candidato que deseja participar dos nossos AAug.: MMist.:.

Presta-lhe, agora e sempre, a tua proteção e ampara-o com o teu braço onipotente em todas as provas, perigos e dificuldades. Assim seja!

Candidato, antes que esta Augusta Assembleia, consinta em submeter-vos às provas, ela deve sondar vosso coração, desejando que respondais, com a maior liberdade e franqueza, ao que vos for perguntado.

Se desejais tornar-vos um verdadeiro Maçom, deveis primeiro morrer para os vícios, para os erros e para os preconceitos vulgares e nascer de novo para a Virtude, para a Honra e para a Sabedoria.

1ª VIAGEM

Empregai todos os esforços para o trazerdes sem correr perigo. Esta primeira viagem, com o seu ruído e com os seus trovões, representa o segundo elemento, o AR, que com os seus meteoros e contínuas flutuações, é o emblema da vida, sujeita a contraditórias variações. O Ar é, assim, o símbolo da vida, cheia de obstáculos, desde o nascimento, mas, podemos usar nossas forças, vencendo-os para atingir a plenitude. Esta viagem representa também o progresso de um povo.

O progresso é, na vida, em termos globais da humanidade, o seu avançar coletivo. Ele encontra delongas e obstáculos; tem as suas estações e as suas noites, mas sabe vencer a todos os tropeços e dificuldades e tem o seu despertar.

Finalmente, assim como depois do temporal vem a calmaria, também depois das revoluções do progresso vem estabilidade das instituições livres.

2ª VIAGEM

Passastes, senhor, pela segunda prova, a da ÁGUA.

A Água em que vos fizeram mergulhar as mãos é uma imagem do vasto oceano que banha os continentes e ilhas.

Nas antigas iniciações, a purificação simbólica da alma fazia-se pelo batismo do corpo, constituindo isso uma parte indispensável do cerimonial.

O oceano é, para nós, um símbolo do povo a cujo serviço dedicam-se os verdadeiros Maçons. Inerte na calmaria, ele é agitado e revolto pelo maior movimento que lhe dão os ventos. Açoitado pela tempestade, as suas vastas ondas vêm atirar-se de encontro às praias.

A sua Instabilidade e a sua fúria pintam bem os caprichos vários e as vinganças cruéis de um povo desordenado, As suas correntes são como as da opinião popular. Os homens são as gotas do vasto oceano da humanidade, de que as nações são parte. Assim como o marinheiro lança-se ao risco dos naufrágios e de ser tragado pelas ondas, assim também o patriota que quer servir ao povo deve arriscar-se a tornar-se lhe menos odioso e ser esmagado pela sua fúria cega.

3ª VIAGEM

Senhor, nesta última viagem, passastes pela prova do FOGO, o último modo de purificação simbólica.

Purificado pela ÁGUA e pelo FOGO, estais simbolicamente limpo de qualquer nódoa do vício.

O fogo, cujas chamas sempre simbolizaram aspirações, fervor e zelo, vos lembrará que deveis aspirar a excelência e a verdadeira glória e trabalhar com zelo e fervor pela causa em que vos empenhardes, principalmente se essa causa for a do povo.

Resta-vos ainda uma outra prova. A Ord.: Maçon.: e a Pátria podem ter necessidade de que derrameis o vosso sangue em sua defesa; e um verdadeiro Maçom não pode esquivar-se a esse sacrifício. Os principais mártires da liberdade, em todas as épocas, poderiam ter uma vida mais longa e perdido essa glória imortal se tivessem se prestado a lisonjear a tirania.

Antes de serdes iniciado aos nossos mistérios, deveis passar pelo batismo de sangue. Se vos sentis possuído de zelo e bastante valor para vos sacrificardes pelo serviço da Pátria, da Ord.: , da Humanidade e dos nossos Irm.: , com risco iminente vida, deveis selar a vossa profissão de fé com o vosso sangue. Não podemos aceitar meras palavras e promessas vãs.

O batismo de sangue não é um símbolo de purificação; é o batismo do heroísmo e da dedicação, do soldado e do mártir.

É um penhor solene de que jamais faltareis ao cumprimento dos vossos deveres maçônicos para com os nossos Irm.: , para com a Ord.: ou para com a pátria, por medo ou por temor do perseguidor ou do tirano.

Eles vos lembrarão também do sangue derramado em todas as épocas pela perseguição e vos incitará à tolerância e à defesa dos sagrados direitos da consciência. Ides agora receber o prêmio da vossa firmeza e da vossa constância.

2.6. Comparação do processo iniciático da maçonaria com as iniciações do antigo Egito.

As origens da Maçonaria se perdem nas neblinas da antiguidade. Mas é bom que se diga que, a Maçonaria abarca todos os conhecimentos de todos os tempos, capazes de sustentar sua doutrina e rituais. No século passado, acreditou-se que a Maçonaria datava dos grêmios medievais de pedreiros, considerados por alguns como reminiscências dos colégios romanos. Haverá ainda quem não saiba mais que isto, porém todos os estudantes dos antigos Mistérios, que ao mesmo tempo são maçons, sabem que por esta linha temos de achar nossa filosófica prosápia, pois em nossas cerimônias e ensinamentos há muitas coisas que podiam ter significado para os pedreiros, e que tal significado se lhes avulta quando examinadas à luz do conhecimento recebido nos Mistérios.

Os autores maçônicos assinalam diversos graus de antiguidade à Ordem. Alguns atribuem sua fundação ao rei Salomão, e outros afirmam resolutamente que a sabedoria maçônica é o único resíduo do divino conhecimento possuído por Adão antes de sua queda.

Uma visão interessante vem do autor (Charles Webster Leadbeater, em seu livro “A Vida Oculta na Maçonaria”), numa experiência esotérica extrassensorial e retorno a vidas passadas. Vejamos seu relato:

Mediante alguns anos de esforço, e muitos mais de prática, pude desenvolver e vigorizar certas faculdades psíquicas da índole citada no Prólogo, as quais, entre outras coisas, me capacitaram para recordar-me de minhas vidas passadas. A ideia da preexistência pode ser nova para o leitor (1), mas não me proponho a aduzir argumentos a seu favor, ainda que abundem, senão tão-só declarar que, para mim, como para muitos outros, é um fato de experiência pessoal. A única de minhas vidas passadas, que se relaciona com o nosso assunto, transcorreu uns quatro mil anos antes de Cristo, no país que agora chamamos Egito.

Quando, na vida atual, me iniciaram na Maçonaria, me surpreendi viva e agradavelmente ao ver pela primeira vez a Loja, pois me era familiar a sua disposição e idêntica à que eu havia conhecido seis mil anos antes nos mistérios egípcios.

Bem sei quão alarmante é esta afirmação, mas só me cumpre dizer que é literalmente verdadeira. Não cabe engano nem é possível explicá-lo por mera coincidência.

A colocação dos três principais dignitários é desusual; os símbolos são significativos e característicos, e peculiar a sua combinação; contudo, todos eles pertenceram ao antigo Egito, e os conheci bem, ali.

Quase todas as cerimônias permanecem inalteradas; existem apenas pequenas diferenças em pontos menores.

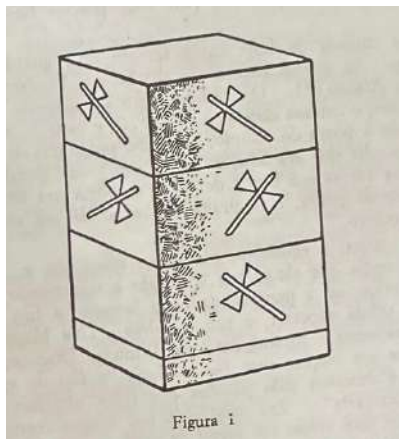
Os passos e os traçados dados têm um significado simbólico de que me recordo perfeitamente.

Testemunhos Egípcios Conhecedor destes fatos de minha experiência pessoal, passei a buscar no plano físico provas que os corroborassem nos livros que me vieram às mãos, e elas excederam à minha expectativa.

A explicação dos passos do Primeiro Grau denota que os usos e costumes dos maçons têm sido sempre afins com os dos antigos egípcios, mas não nos oferece nenhum exemplo dos pontos de afinidade, os quais se encontram nos instrutivos livros do Irmão Churchward, intitulados Sinais e Símbolos do Homem Primitivo e Os Arcanos da Maçonaria, assim como em As Escolas Arcanas do Irmão John Yarker e em A Maçonaria e os antigos deuses do Irmão J. S. M. Ward. Passarei a compendiar, com viva gratidão, a informação extraída dos referidos livros.

Os maçons de vários graus poderão selecionar dela os traços que lhes recordem as suas próprias cerimônias.

Têm-se aproveitado algumas ilustrações interessantes das pinturas murais do antigo Egito e das vinhetas de vários papiros, e principalmente do Livro dos Mortos, do qual existem várias edições revistas. Destas fontes se torna evidente que, no Egito, o templo tinha a forma de um duplo quadrado, em cujo centro havia três cubos superpostos em disposição de altar (1), sobre o qual se colocavam os livros das Escrituras Sagradas.



Certamente, não as mesmas que as nossas, que não haviam sido escritas ainda. Os cubos representavam os três Aspectos ou Pessoas da Trindade: Osíris, Isis e Hórus, como se infere dos sinais neles gravados (veja-se a Figura 1, copiada, todavia, não de um altar egípcio, mas de uma ilustração do livro de Arthur Evans sobre Creta); mas num período posterior só encontramos um cubo duplo.

Na entrada do templo havia duas colunas, e sobre estas, quadrados representando a terra e o céu (1). Uma delas tinha um nome que significava "na força", enquanto que, o nome da



outra significava "estabelecer".

Este pórtico simbolizava o caminho condizente ao mundo superior de Amenta, onde a alma se fundia com o imortal espírito e ficava daí em diante estabelecida para sempre; por isso, esse pórtico figurava estabilidade.

Na entrada da Loja havia sempre dois guardas armados de facas.

Ao guarda externo se chamava o Vigilante, e ao interno o Arauto.

O candidato era despido da maioria de suas vestes, e era conduzido à porta do templo, onde lhe perguntavam quem era.

Ele respondia que era Shu, o "suplicante" ou "genuflexo"

Que vinha das trevas em busca de luz. A porta era um triângulo equilátero de pedra, que girava em torno de um eixo em seu próprio centro.

Ao entrar, o candidato pisava no quadrado, e, ao pisá-lo, se subentendia que ele estava trilhando e transpondo o quaternário inferior, ou a personalidade do homem, a fim de desenvolver a tríada superior, e ego ou alma. (Na Maçonaria moderna é expressa a mesma idéia no Primeiro Discurso, em que se diz que um maçom vem para a Loja "a fim de aprender a governar e dominar suas paixões e a fazer ulteriores progressos na Maçonaria"). Era conduzido por longos corredores; faziam-no dar sete voltas em torno da Loja, e após haver respondido a muitas perguntas, era finalmente conduzido ao centro da Loja, onde lhe perguntavam o que queria. Diziam-lhe para responder: "Luz"

Em todas estas perambulações, tinha ele que começar com o pé esquerdo. Se o candidato violasse essa ritualística segundo diz O Livro dos Mortos, sua garganta era cortada e seu coração arrancado. No papiro de NesiAmsu se menciona outro grau, onde se diz que o corpo era cortado em pedaços e reduzido a cinzas, as quais se espalhavam na superfície das águas até os quatro ventos do céu.

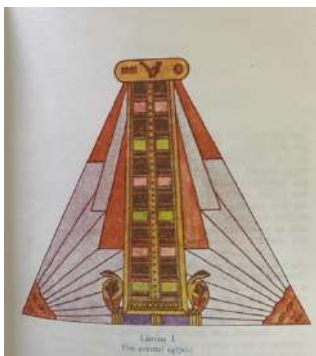
Há no templo de Khnumu, na ilha de Elefantina, diante de Assuão, um baixo-relevo que nos mostra duas figuras, sendo uma do Faraó e a outra de um sacerdote usando o toucado de íbis de Tot, mantendo-se numa atitude fortemente sugestiva, embora não exatamente conforme com a nossa prática atual.

O baixo-relevo representava uma iniciação, e a palavra dada é Maatheru, que significa "de voz verídica" ou "aquele cuja voz tem de ser obedecida" (2). Também observei uma pintura, em que aparecem quatro cortesãos saudando o Faraó.

O malhete era então feito de pedra, em forma de duplo machado.

Naquela época os aventais eram feitos de couro e em forma triangular.

O do Primeiro Grau era puramente branco, como hoje; mas o dos M. M. era de cores brilhantes, com profusão de joias e orlas de ouro.



No centro da Loja brilhava a Estrela Flamígera, mas era de oito pontas, em vez de seis ou cinco.

Chamavam-na "Estrela Dalva", ou "Estrela da Manhã"; era símbolo de Hórus da Ressurreição, o qual era representado com ela na cabeça e como a tendo dado a Seus seguidores.

O esquadro maçônico era muito bem conhecido, e chamava-se neka. Encontra-se em muitos templos e também na grande pirâmide. Diz-se que era empregado para esquadrear pedras e ainda, simbolicamente, para esquadrear a conduta, o que se adapta à moderna interpretação.

Construir com o esquadro equivalia a construir para sempre, segundo os ensinamentos do antigo Egito, e na Sala do Juízo egípcio se vê Osíris sentado sobre o esquadro enquanto julga os mortos.

Assim veio o esquadro a simbolizar o fundamento da eterna Lei.

Os egípcios usavam alvenarias brutas e lavradas com o mesmo significado que lhes atribuem os maçons de hoje. Não só no Egito, assim como alguns monumentos da América Central e os que a conduziam eram chamados "condutores". Também é fato curioso que os descendentes dos negros do Nilo, que há séculos emigraram do Egito para se estabelecerem, na África Central, quando prestam juramento ante os tribunais, o fazem com um gesto que, se me fosse permitido descrever, seria universalmente reconhecido pela Ordem.

Esse Livro dos Mortos, como imprópriamente o denominaram, faz parte de um manual destinado a servir como uma espécie de guia no mundo astral, com várias instruções a respeito do modo como deviam conduzir-se os falecidos e os iniciados nas regiões inferiores daquele mundo. Os capítulos encontrados em várias tumbas não nos dão o conjunto dessa obra, mas uma seção dela, e ainda assim muito estragada.

A mente dos egípcios parece haver atuado muito formal e ordenadamente, pois esquematizavam toda concebível descrição das entidades com que um falecido tivesse a possibilidade de se encontrar.

E dispunham cuidadosamente o feitiço ou palavra de poder que consideravam mais eficaz para vencer as entidades hostis; mas sem perceber que sua própria vontade efetuava o trabalho, atribuíam o êxito a alguma espécie de magia. No princípio se procurou manter secreto o Livro dos Mortos, mas posteriormente se transcreveram em papiro alguns capítulos seus, para coloca-los na tumba do falecido. Diz uma das passagens: "Este Livro é o mistério supremo. Que ninguém passe por ele os olhos, porque seria abominação. Chama-se Livro do Senhor da Casa Secreta".

Os antigos egípcios admitiam sete almas ou forças vitais emanadas do Altíssimo; os estudantes orientais as denominam os sete primordiais, e são mencionadas em O Livro de Dzian.

Seis delas são super-humanas e a sétima é a nossa Humanidade, dada a lua pela virgem Neich.

Símbolo deste parto era o pelicano, o qual, segundo a fábula, alimentava suas crias com o sangue que extraía de seu próprio peito. Este símbolo teve muita importância na filosofia, derivada, em grande parte, ao que parece, dos ensinamentos egípcios. Nos hieróglifos egípcios encontramos "o Um e os Quatro", referindo-se a Hórus e a seus quatro irmãos, também mencionados nas Estâncias de Dava; e outra expressão comum a ambos os documentos é "Um procedente do Ovo". No Egito, o ovo era símbolo do sol poente, que na linha do horizonte costuma tomar o aspecto do ovo.

Esse ovo passava ao mundo inferior, onde, incubado, dava nascimento ao novo sol do dia seguinte, que se alçava com toda a sua força, e o chamavam "a chama surgida de uma chama". Tudo isto tinha um profundo significado místico que se explicava nos Mistérios.

Quando morria Osíris, tentavam em vão ressuscitá-lo; depois Anúbis o tentava e conseguia, e Osíris voltava ao mundo com os segredos do Amenta, o que parece sugerir que os segredos maçônicos estão estreitamente relacionados com o mundo inferior e a vida ultraterrena.

Tais são as provas mais evidentes que pude reunir, e há ainda outras que não podem ser publicadas. Parece-me que ainda se encontrariam mais provas; porém mesmo as aduzidas, quando consideradas em conjunto, desvanecem toda possibilidade de coincidência. Não há dúvida de que a Fraternidade a que hoje temos a honra de pertencer é a mesma que eu conheci há seis mil anos, e até se lhe pode assinalar mais remota antiguidade. O Irmão James Churchward afirma que alguns sinais datam de 600.000 anos atrás, o que é muito verossímil, porque o mundo é muito velho e a Maçonaria possui um dos mais antigos rituais existentes. Certamente temos que admitir que o mero descobrimento de um de nossos símbolos nos monumentos da antiguidade não supõe, necessariamente, a existência de uma Loja; mas pelo menos demonstra que mesmo em tão remotos tempos pensavam os homens no mesmo sentido e tratavam de expressar seus pensamentos na mesma linguagem simbólica em que hoje em dia os expressamos.

Podemos também traçar uma relação, além das semelhanças, já mencionadas, de alguns tópicos específicos, entre a Iniciação Maçônica e a Iniciação do Antigo Egito:

a) A Iniciação

A iniciação no Antigo Egito era um processo significativo e ritualístico pelo qual os indivíduos passavam para adquirir conhecimento, status social ou espiritual, e muitas vezes estava ligado a templos e escolas de mistérios. Essas iniciações variavam de acordo com os diferentes contextos, como as escolas de mistérios em templos de Heliópolis, Mênfis e Tebas.

A Iniciação na Maçonaria é um processo de seleção pela qual a Ordem busca no Mundo Profano candidatos que queiram se submeter ao processo iniciático, e como a Iniciação no antigo Egito, muitos passam a adquirir conhecimento superior, status social e espiritual.

b) As Escolas Iniciáticas

Escolas de Mistérios do antigo Egito as iniciações frequentemente ocorriam em escolas de mistérios associadas a templos religiosos. Por exemplo, a escola de Heliópolis estava ligada ao culto de Ra, a de Mênfis ao deus Ptah, e a de Tebas ao deus Amon.

Escolas Simbólicas e Filosóficas da Maçonaria as iniciações ocorrem em templos, cada qual decorado de acordo com o grau da iniciação e de acordo com o rito praticado, como exemplo: Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito de York, Rito Adoniramita, etc.

c) Níveis de Iniciação

No Antigo Egito as iniciações tinham vários níveis, com cada nível conferindo um grau maior de conhecimento e acesso a segredos religiosos e espirituais. Os candidatos precisavam progredir gradualmente através desses níveis.

Na Maçonaria temos os graus simbólicos e os graus filosóficos, cada um seguindo uma sequência de conhecimentos e elevação do Ser.

d) Objetivos da Iniciação

No Antigo Egito: As iniciações tinham diferentes objetivos, dependendo da escola e do contexto. Alguns buscavam a sabedoria e o conhecimento dos segredos do universo, enquanto outros tinham um componente espiritual e visavam a purificação e a conexão com os deuses.

Na Maçonaria: As iniciações dentre diversos objetivos, podemos destacar a busca pela perfeição do Ser, torna-lo um cidadão melhor tanto no seio da sociedade ao qual ele pertence como espiritualmente.

e) Rituais e Segredos

No Antigo Egito: Os rituais de iniciação envolviam práticas secretas, cerimônias, ensinamentos orais e simbolismo. Os iniciados eram instruídos em questões religiosas, filosóficas e místicas.

Na Maçonaria: Os rituais de iniciação também envolvem práticas secretas, cerimônias, juramentos, ensinamentos orais, e todo o ensinamento do simbolismo referente a cada grau.

f) Hierarquia Sacerdotal

No Antigo Egito: As escolas de mistérios tinham hierarquias sacerdotais e os iniciados poderiam eventualmente alcançar posições de liderança na sociedade religiosa.

Na Maçonaria: A Ordem Maçônica possui uma rígida hierarquia entre seus membros, e todos aqueles que já atingiram a maioria na Ordem, ou seja, o Grau de Mestre maçom podem eventualmente galgar posições de destaque em sua hierarquia.

g) Restrições e Sigilo

No Antigo Egito: Os detalhes das iniciações eram mantidos em sigilo rigoroso e era proibido revelar esses segredos sob pena de punições severas.

Na Maçonaria: Da mesma forma os detalhes destas iniciações são mantidos em sigilo, e aos iniciados é terminantemente proibido revelar esses segredos.

3. CONCLUSÃO

A comparação entre a iniciação maçônica e a iniciação no Antigo Egito revela fascinantes paralelos e notáveis divergências que enriquecem nossa compreensão das tradições iniciáticas em diferentes culturas e épocas. Ambos os sistemas de iniciação têm raízes profundas e cumprem papéis importantes nas sociedades em que surgiram, mas suas abordagens e objetivos são distintos em vários aspectos.

Uma semelhança fundamental entre a iniciação maçônica e a iniciação no Antigo Egito é a ênfase na busca por conhecimento espiritual e moral. Ambas as tradições visam a elevação espiritual e o aprimoramento pessoal dos iniciados. A jornada iniciática em ambas as culturas implica uma transformação interior, o acesso a conhecimentos ocultos e a compreensão mais profunda dos mistérios da vida e da existência. Além disso, em ambas as tradições, o processo de iniciação é gradual, com múltiplos graus e estágios a serem alcançados.

No entanto, as diferenças também são evidentes. A iniciação maçônica, que se desenvolveu na Europa moderna, é uma tradição fraternal e filosófica que enfatiza valores como fraternidade, moralidade e ética. Ela se baseia em símbolos e rituais que têm raízes na construção civil, mas que foram adaptados para transmitir mensagens espirituais e filosóficas. Os maçons buscam aperfeiçoar-se como indivíduos e contribuir para o bem-estar da sociedade.

Por outro lado, a iniciação no Antigo Egito estava profundamente ligada à religião e à espiritualidade da civilização egípcia. As escolas de mistérios egípcias, como as de Heliópolis, Mênfis e Tebas, tinham uma forte conexão com os deuses e os ensinamentos religiosos. As iniciações egípcias eram um meio de acesso aos segredos divinos e uma preparação para a vida após a morte. A relação entre os iniciados e os deuses era central, e a iniciação envolvia práticas religiosas complexas.

Em resumo, embora a iniciação maçônica e a iniciação no Antigo Egito compartilhem a busca por conhecimento espiritual e moral, suas abordagens, objetivos e contextos históricos são distintos. A Maçonaria é uma tradição mais recente, centrada na fraternidade e na filosofia moral, enquanto a iniciação egípcia estava intrinsecamente ligada à religião e à espiritualidade da civilização antiga. A comparação entre essas tradições enriquece nossa compreensão das diversas formas pelas quais as sociedades humanas buscam a sabedoria e a iluminação espiritual ao longo da história.

4. BIBLIOGRAFIA

Max Guilmont . O Processo Iniciático no Egito Antigo – 3ª edição

Earle De Motte . Egito: Escolas de Mistérios e Religião

Charles Webster Leadbeater . A Vida Oculta na Maçonaria

CONSTITUIÇÃO, do GOEMT. Art. 92. Edição 2020.

G.:O.:E.:M.:T.:. Ritual do Aprendiz Maçom(R.:E.:E.:A.:). Cuiabá, 2022.

G.:O.:E.:M.:T.:. Ritual do Companheiro Maçom(R.:E.:E.:A.:). Cuiabá, 2022.

G.:O.:E.:M.:T.:. Ritual do Mestre Maçom(R.:E.:E.:A.:). Cuiabá, 2022.

"The Ancient Egyptian Mysteries: An Initiate's Guide" por Tamara L. Siuda

"Temples, Tombs, and Hieroglyphs: A Popular History of Ancient Egypt" por Barbara Mertz.

"The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt" por Richard H. Wilkinson

"The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt" editado por Donald B. Redford

"The Egyptian Mysteries: New Light on Ancient Knowledge" por Imelda Maguire

"The Secret Lore of Egypt: Its Impact on the West" por Erik Hornung

SITES

<https://www.freemason.pt/os-misterios-egipcios-e-a-maconaria/>

<https://bibliot3ca.com/uma-breve-historia-dos-rituais-maconicos-egipcios-1/>

<https://www.youtube.com/watch?v=1p80z62zjjc>

<https://www.memphis-misraim.org.br/Franco-Maconaria>

<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/7813539>

https://pt.frwiki.wiki/wiki/Initiation_%28%C3%89gypte_antique%29

<https://drive.google.com/file/d/13TigIiX5zVOyFfpzdPT6DDhTKTUWAhoS/view>

<https://www.youtube.com/watch?v=pbphoOZhac4>